

A linguagem pessoal multigênero: o legado de Juca Teles

(Multi-gender personal language: Juca Teles's legacy)

Marcelo Módolo¹, Nathalia Reis Fernandes²

^{1,2} Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (USP)

modolo@usp.br, nathlet@gmail.com

Abstract: This paper exposes the particularities of the so-called “Juca Teles diaries”. Juca Teles was a folkloric character from São Luiz do Paraitinga (São Paulo state, Brazil), and the diaries' characteristics don't follow the expected lines in a personal journal. It is possible that those diaries, although intimate, have a broader range, which could categorize them as collective diaries.

Keywords: Literary Genre; Diary; Manuscript Editing.

Resumo: O artigo expõe as principais características dos chamados “diários” de Juca Teles, figura folclórica da cidade de São Luiz do Paraitinga (SP), características essas que refogem ao que tradicionalmente se espera do gênero literário diário pessoal. O material conduz à existência de um diário que, embora de cunho pessoal, possui um alcance mais amplo, sendo possível sua caracterização como um diário coletivo.

Palavras-chave: gênero literário; diário; edição de manuscritos.

Introdução

Neste trabalho, tomando por base trechos dos diários de Juca Teles, personagem folclórica de São Luiz do Paraitinga (SP), procurar-se-á analisar em que medida o trânsito do autor por diversos estilos torna esses diários uma vertente diferenciada desse gênero textual, combinando elementos muitíssimo distintos entre si.

Juca Teles, cujo nome de batismo era Benedito de Souza Pinto (1888-1962), escreveu em diversos cadernos que, em parte, foram trasladados para o Arquivo Público do Estado de São Paulo. Sabe-se que se tratava do oficial de justiça de São Luiz do Paraitinga, ou seja, o auxiliar da justiça responsável pela efetivação de citações e intimações, destinadas à comunicação de atos processuais, e que também auxilia o juiz na condução de audiências e na manutenção da ordem nessas ocasiões (Código de Processo Civil, art. 154).¹

Não obstante de origem humilde, serviu como decurião na escola, em apoio a alunos com dificuldades de aprendizado, e também foi informante do antropólogo Alceu Maynard.²

Ao mesmo tempo em que desempenhava suas funções, porém, Juca circulava pela cidade usando cartola e chinelos de dedo, imagem que ficou imortalizada no boneco

¹ A pesquisa se iniciou sob a vigência do Código de Processo Civil de 1973 e não do que foi publicado em 17.3.2015, e que entrará em vigor em fevereiro de 2016. Porém, uma vez que o trabalho ainda está em andamento, aproveitamos para atualizar as referências para o novo Código. Sendo assim, as referências a “Código de Processo Civil” feitas ao longo do texto devem ser entendidas como feitas ao Código de 2015.

² Informações prestadas por Benito Campos, mantenedor do bloco Juca Teles, em entrevista por nós conduzida.

gigante que é conduzido na passagem do bloco que leva o seu nome, no carnaval de marchinhas de São Luiz do Paraitinga. Conta-se que era costume, nas festividades do Sábado de Aleluia, que ele lesse o “testamento” do Judas, vestido de sobrecasaca, em versos que foram por ele mesmo compostos.

O cenário em que se desenrolam os fatos descritos no diário é a cidade de São Luiz do Paraitinga, situada às margens do rio Paraitinga, no Vale do Paraíba, e que conta com população atual de 10.397 habitantes, segundo o Censo de 2010 (SILVA; VIEIRA, 2010, p. 13).

Fundado em 8.5.1769, o povoado serviu, de início, como ponto de parada de comerciantes e tropeiros, e experimentou grande crescimento na época da força do café no Vale do Paraíba, por se situar a caminho do Porto de Ubatuba. Tal crescimento ensejou sua promoção a cidade, em 30.4.1857. É berço de brasileiros ilustres, como o sanitarista Oswaldo Cruz, o geógrafo Aziz Nacib Ab’Saber e o músico Elpídio dos Santos.

Com a queda do café no Vale do Paraíba, caiu também a importância da cidade em termos econômicos. Hoje, São Luiz do Paraitinga vive do turismo de aventura e da preservação da cultura popular local, especialmente por meio da música – o tradicional Carnaval de marchinhas abarrota de foliões a pequena cidade – e por cerimônias tradicionais que, em outros pontos do estado de São Paulo, dificilmente são encontradas nos dias de hoje. A mais conhecida delas é a Festa do Divino, a qual tem início 40 dias depois da Páscoa, que para a cidade por 10 dias, todos os anos.^{3,4}

Este artigo analisa o gênero diário com acepção mais global, difusa e, por que não dizer, coletiva, que não necessariamente precisa ser restrita à imagem de uma pessoa específica. Em tempos de massificação do tratamento dado à pessoa – que pode ser visto nas esferas econômica, jurídica e social –, não deve parecer absurdo que um diário não possa ser também apto a registrar os fatos ligados a determinada coletividade.

O diário

Não se sabe ao certo quantos cadernos foram utilizados por Juca Teles ao efetuar seus registros. O que se sabe é que há cerca de três desses cadernos no Arquivo Público do Estado de São Paulo e um em posse de Benito Campos, mantenedor do bloco Juca Teles, que se apresenta no carnaval tradicional de São Luiz do Paraitinga.

Todos os cadernos a que tivemos acesso têm as mesmas características:

– cadernos estilo “Paulistinha”, retangulares, pautados e com capa dura, medindo aproximadamente 10 x 20 cm;

– escrita majoritariamente feita com caneta esferográfica azul, com alguns trechos em lápis e outros em caneta-tinteiro, talvez de modelos *Parker*, em razão da tonalidade azul muito característica;

³ As informações sobre a Festa do Divino foram extraídas de <<http://www.saoluizdoparaitingasp.gov.br/festa-do-divino-paraitinga-sp.html>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

⁴ A Festa do Divino havia sido banida da cidade em 1913, sob a alegação de profanação do sagrado, e por três décadas apenas as cerimônias litúrgicas persistiram. Só em 1943 é que as manifestações banidas foram retomadas, talvez pela própria força que detinham junto à população (CURSINO DOS SANTOS, 2008, p. 135-138).

– mão hábil, com escrita legível e clara, com poucas dúvidas quanto à regularidade de traçado dos caracteres.

Neste trabalho, será utilizado o volume 33,⁵ o qual contém textos datados de 1948 a 1950. Nele se pode verificar um misto de agenda de trabalho, anotações de poesia e relatos de fatos da cidade. As anotações estão misturadas, sem regra clara para a inserção de um tipo de registro ou de outro. Além disso, não é possível saber se a ordem cronológica foi rigorosamente obedecida, uma vez que muitos dos trechos não estão datados, não obstante separados claramente uns dos outros pelo autor.

O conteúdo do diário

Verificamos no item anterior que o autor dos diários faz anotações de trabalho, descrições de fatos da cidade e escreve poesias num mesmo caderno. A confusão organizacional é, porém, apenas aparente, pois o início e o fim dos textos são separados com clareza dos textos anteriores e posteriores por linhas horizontais.

As anotações de trabalho são típicas do seu mister como oficial de justiça. São listadas audiências, citações e intimações por fazer, dívidas a executar:

(01) <1948>

Novembro 20 – Intimação Sebastião Brites da Silva “ **tutor dos menores filhos de Maria Simões Maia** ” Bairro do Rio Negro – Alto da Serra – **85,00**

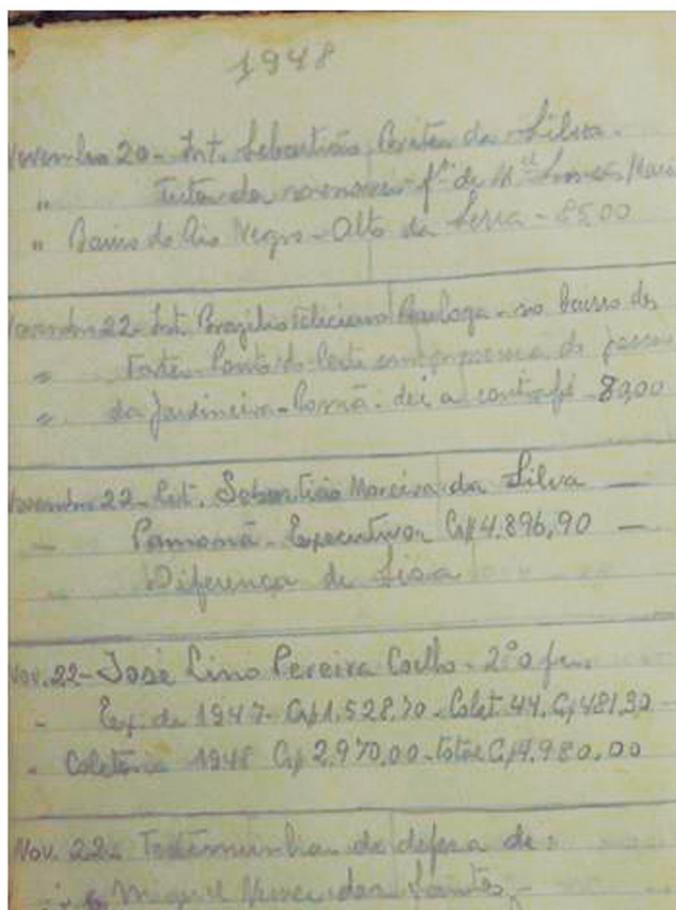
Novembro 22 – Intimação Brazílio Feliciano Barboza – no bairro dos “ Fortes – Ponto do leite em presença de pessoas ” da Jardineira_Romã_dei a contrafê_80,00

Novembro 22 – Intimação Sebastião Moreira da Silva – Pamonã – Executivos Cr\$ 4.896,00 – Diferença de Sisa

Novembro 22 – José Lino Pereira Coelho – 2.º ofício – Executivo de 1947 – Cr\$ 1.528,70 – Coletoria 44. Cr\$ 481,30 – Coletoria 1948 Cr\$ 2.970,00 – total Cr\$ 4.980,00

Novembro 22 – Testemunha de defesa de: – Miguel Nunes dos Santos

⁵ Essa numeração foi inserida pelo Museu Oswaldo Cruz e foi dessa forma que o caderno foi enviado para o Arquivo do Estado de São Paulo.



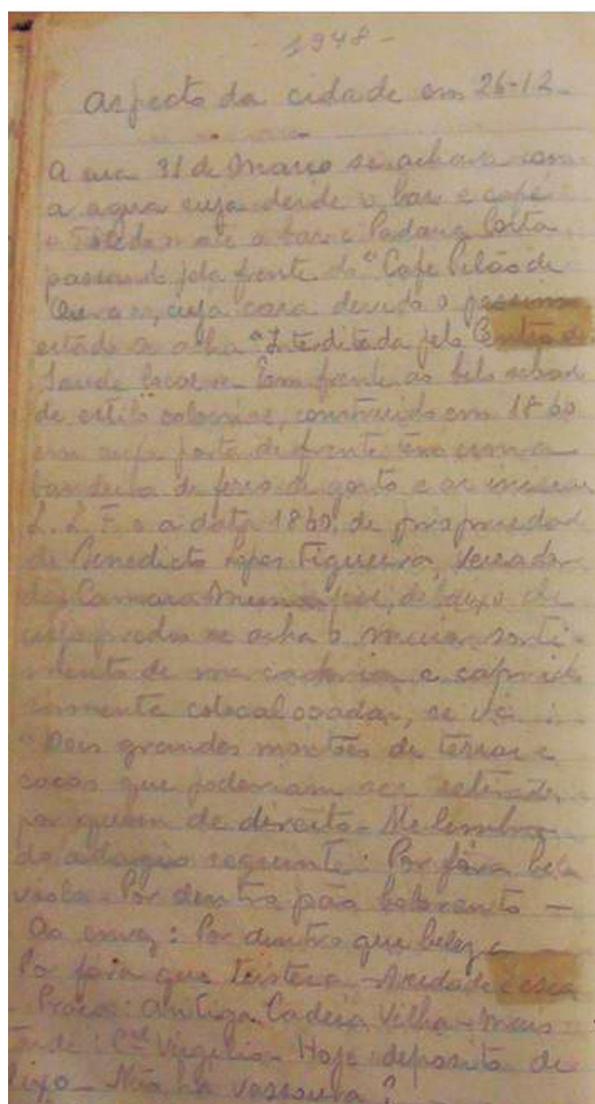
Os textos descritivos são totalmente ligados a fatos da cidade de São Luiz do Paraitinga. Eventos públicos, como missas e desastres naturais, são descritos pelo olhar de Juca com simplicidade e, por vezes, ironia.

(02) <- 1948 ->

Aspecto da cidade em 26-12-

A rua 31 de Março se achava com a água suja desde o bar e café “Toledo” até o bar e Padaria Costa passando pela frente do “Café Pilão de Ouro”, cuja casa devido o péssimo estado se acha “Interditada pelo Centro de Saúde local” _ Em frente ao belo sobrado de estilo colonial, construído em 1860 em cuja porta de frente tem uma bandeira de ferro de [gosto] e as iniciais L.L.F e a data 1860, de propriedade de Benedicto Lopes Figueira, Vereador da Câmara Municipal, debaixo de cujo prédio se acha o maior sortimento de mercadoria e caprichosamente colocadas,⁶ se vê “Dois grandes montões de terras cacos que poderiam ser retirados por quem de direito _ Me lembro do adágio seguinte: Por fóra bela viola-Por dentro pão bolorento _ Ao envez: Por dentro que beleza _ Por fóra que tristeza – A verdade é essa – Praça: Antiga Cadeia Velha – mais tarde: Coronel Virgílio – Hoje: depósito de lixo – Não há vassoura?

⁶ cremos que esse termo se trata de erro do próprio escriba, que passou despercebido.



Já os poemas encontrados são estilisticamente simples, em sua maioria, mas é justamente essa característica simples que denota uma faceta da personalidade do autor: uma pessoa igualmente simples que, embora possua um conhecimento diferenciado em relação a outras pessoas da cidade, consegue expor sua simplicidade e a dos demais em meio a essas poesias aparentemente banais.

Apenas nos poemas é que podemos ver detalhes da vida pessoal de Juca. Mesmo assim, a condição rurícola, com possíveis reproduções do dialeto caipira, fica evidenciada, sendo possível tomar o autor como exemplo do cidadão comum da cidade naquela época.

(03) IX

Larguei a véia na róça
Só pra festá na cidade
Festando bem como tô
Déla **não tenho** sódade

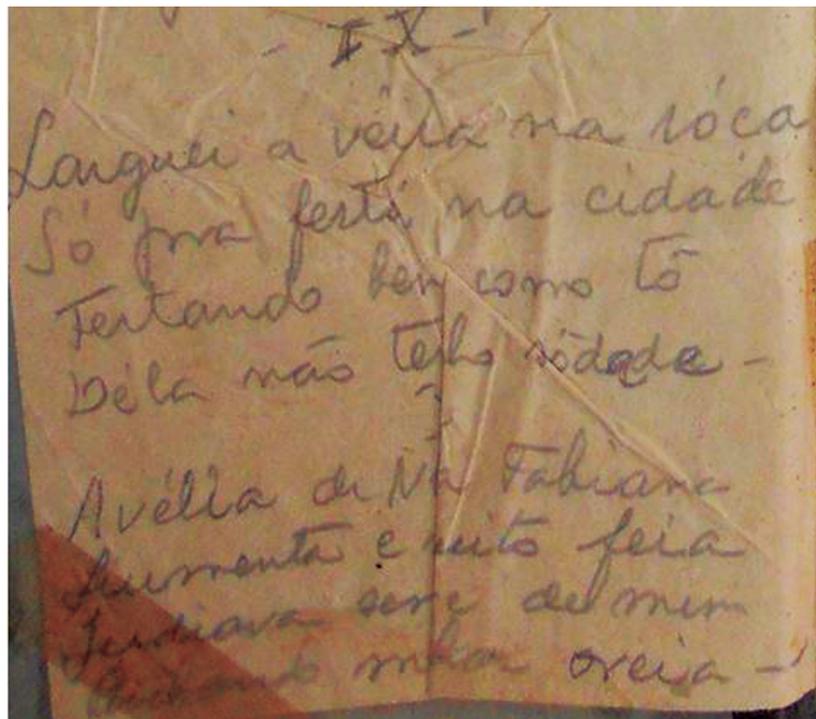
X

A vélia da Nhá Fabiana

Siumenta e muito feia

Judiava [sempre] de mim

Puchando minha oreia



Multiplicidade de gêneros e caracterização de uma unidade

Ao longo deste trabalho, temos denominado o material em análise “diário”, mas é certo que o gênero textual diário, ao menos naquilo que de imediato se espera dele, tem características que refogem às características dos cadernos de Juca Teles.

De início, nota-se a mistura de gêneros como um evidente empeco à caracterização do material como um diário; quebrando a expectativa de um diário como **registro de ideias, opiniões acerca da realidade que nos cerca, expressão de sentimentos de uma maneira geral, bem como registro de fatos ocorridos no cotidiano com** datação linear. Como compatibilizar, em primeiro lugar, o material como uma unidade?

A esse propósito, o sentido de unidade não necessariamente precisa ser expresso de forma linear, mas sim deve demonstrar certa coesão e coerência. Faremos uso da semiótica de linha francesa greimasiana, a fim de verificar se o material ora analisado possui narratividade, em seu conjunto, o que permitiria a concretização ou verificação mais clara desse sentido de unidade.

No nível básico e mais fundamental da relação semiótica, que será explorado aqui, deverá haver uma relação entre duas variáveis, o sujeito e o objeto, ligados entre si

por funções de junção/disjunção (estados do sujeito com relação ao objeto, respectivamente de conexão e desconexão) e de transformação (passagem de um estado a outro).

A existência de mudanças de estado num dado texto caracteriza a existência de narratividade. Vejamos como o exposto acima pode servir aos nossos propósitos.

Uma análise apressada poderia conceber que o sujeito é Juca Teles e o objeto, a rotina diária de São Luiz do Paraitinga, já que ele é o observador que traz à tona os fatos. Mas essa explicação não engloba consistentemente a parte poética dos cadernos. Afora o exemplo que trouxemos aqui, que está inserido dentro de um contexto histórico, os demais poemas versam sobre os mais diversos temas e personagens; nestes casos, Juca Teles até poderia ser o sujeito, mas o objeto seria o poema em si, a criação literária, o que está desconectado do restante do caderno.

Todavia, postulamos que o sujeito é a própria cidade de São Luiz do Paraitinga, que flui entre o microscópico e o macroscópico: o microscópico está presente na agenda de compromissos e nos poemas de Juca Teles, que mostram como era a vida de uma personagem com as atribuições que possuía. Essa personagem é a responsável pela preservação da parte macroscópica, consistente nos registros de diário que permitem a reconstrução de detalhes de uma história que, talvez, perdesse apenas na memória dos mais velhos.

A ligação existente entre o “microcosmo” e o “macrocosmo” constantes do caderno é o próprio Juca Teles, que dá o tom das passagens de um nível a outro pelas opções que faz na disposição dos textos. Afinal, é por meio da visão que ele tem dos eventos que interferem em sua vida – e que são registrados no diário – que se torna possível compreender o contexto da cidade como um todo.

Outra ligação entre esses dois níveis é a história. Descobrir e definir um personagem folclórico como Juca Teles, por sua poesia e sua rotina, equivale a recuperar uma parte da história, ao mesmo tempo em que ele descreve essa mesma história em nuances mais amplas em seus relatos da cidade.

Ao mesmo tempo, a história é o objeto do caderno, pois ela exsurge da caracterização de Juca Teles – através da poesia, da agenda de organização pessoal e dos fatos de sua vida que são relatados –, bem como é registrada por ele conforme acontece, no que para ele parece cotidiano.

Para a caracterização definitiva da narratividade, no caso, há que se verificar ainda se sujeito e objeto se relacionam por meio de funções de transformação, de passagem de um estado a outro. E, ainda em nossa opinião, isso ocorre por meio do próprio fluxo entre “microcosmo” e “macrocosmo”: a história parece sair do âmbito de São Luiz do Paraitinga – uma disjunção – quando o caderno traz apenas situações de rotina de Juca Teles, e voltam a fluir em conjunto quando as descrições passam para o âmbito coletivo – uma conjunção. Embora Juca Teles também seja parte da história de São Luiz, como discutiremos acima, o foco não está totalmente na cidade, mas nas informações individuais, tanto de Juca como das pessoas que são relacionadas nas listas de processos.

É com base nessa inferência que, a princípio, defendemos o *status* de fonte de narrativa histórica para o caderno de Juca Teles que é objeto deste estudo, de forma que a sua edição e tratamento são de extrema relevância para a recuperação da memória histórica da cidade, tanto do ponto de vista do cidadão, o “microcosmo”, quanto do ponto de vista da cidade como um todo, o “macrocosmo”.

Alternativamente, poder-se-ia dizer que estamos diante de um mosaico de três cores distintas, sendo cada cor representada pelo gênero textual utilizado pelo autor. Esse mosaico também resulta numa obra final, num conjunto, muito embora a combinação feita entre as três cores não pareça a mais lógica, numa observação superficial.

Caracterização do gênero diário. Diário da coletividade

Demonstrado que o texto possui coesão e consiste em uma unidade, devemos analisar se cabe, nesse caso, a caracterização do gênero diário.

É sabido que “as representações hoje dominantes da literatura julgam que toda obra verdadeira deve furtar-se à genericidade” (MAINGUENEAU, 2012, p. 229). É dizer: o gênero não passaria de uma convenção que restringe a liberdade autoral. A análise do discurso, porém, considera a noção de gênero como central em razão do fato de não poder apreender lugares independentemente das palavras que autorizam e nem as palavras independentemente dos lugares de que são parte integrante (MAINGUENEAU, 2012, p. 233).

O gênero diário tem como característica básica a exposição da vida do autor. E, quanto a isso, como já visto anteriormente, não há no material muito a dizer a respeito de Juca Teles, a não ser aquilo que ele deixa entrever figurativamente nas poesias e em algumas das exposições de fatos da cidade de São Luiz do Paraitinga.

Nesse sentido, identificar a que gênero pertencem os “diários” de Juca Teles, por si mesmos já diferenciados no que diz respeito à sua unidade, seria também verificar a extensão que determinado gênero admite, e indicaria a que situação comunicativa se prestam tais escritos.

Antes de partirmos à análise direta do gênero diário, cabe a caracterização da cena de enunciação, nos termos como a definiu Maingueneau (2012, p. 251 e ss.), de modo que se possa verificar o que os cadernos de Juca Teles nos trazem.

Em termos de *cena englobante*, verifica-se que se trata de um escrito regional, que traz particularidades de uma cidade: (i) nas descrições da cidade, é possível verificar o resultado de uma enchente do Rio Paraitinga que atulhou a cidade de sujeira em 1948, as festas e datas comemorativas observadas por seus habitantes, entre outras situações; (ii) nos poemas, fala-se da situação do homem simples da região, personificado por Juca Teles, e de personalidades que são homenageadas pelo escrevinhador em datas festivas; (iii) os apontamentos de trabalho, as listas de pessoas a intimar e citar e as penhoras a realizar fornecem um quadro da população de São Luiz do Paraitinga e das contendas nela havidas, de forma indireta.

A *cena genérica* poderia ser definida como uma série de “fotografias” de situações, pessoas etc. que estão expostas ao longo do material, em suas diversas acepções, da forma exposta no parágrafo anterior; considerando-se que, como visto anteriormente, toda essa miscelânea consiste em uma unidade, essas “fotografias” estão unidas de forma a desenhar um conjunto, a cidade de São Luiz do Paraitinga.

E a *cenografia* direciona o leitor à cidade de São Luiz do Paraitinga, sem a pretensão direta de o fazer – descrição essa encaixada dentro de um momento histórico e

social, no qual os textos são produzidos, e que tem condições de delinear historicamente as condições em que se encontrava a cidade.

Note-se que a análise conduz ao “macrocosmo” de que tratamos no item anterior. O conjunto parece estar sempre em destaque, em comparação com a pessoa de quem escreve. Não nos parece estarmos diante de um diário, mas de um *relato*, um *registro* que pode ser tomado, nos dias de hoje, por seu viés histórico.

Mas há pontos que ainda chamam a atenção em meio ao material. O fato de haver uma agenda de trabalho – direcionada, portanto, aos afazeres do autor – é um deles. Outro fato de monta é a assunção da primeira pessoa do singular em boa parte dos poemas, que assumem uma conotação confessional ou de ironia, em muitos casos. E, por fim, os fatos descritos foram todos presenciados por Juca Teles, e ele aparece em algumas das descrições como tendo tomado parte nesses mesmos fatos.

Portanto, há um certo grau de *peçoalidade* no material que não pode ser desconsiderado, e, para tanto, faz-se necessária a confrontação do caderno de Juca Teles com a definição do gênero diário.

O gênero diário – na acepção de diário íntimo, talvez aquela que, em português, ecoa mais diretamente a partir dessa palavra – possuiria, segundo Girard (1963, p. 3 e ss.), as seguintes características:

- (i) é escrito dia após dia, sem uma ordem ou regra preestabelecida, o que não o torna uma “obra”;
- (ii) o autor é o centro de observação, de convergência;
- (iii) as observações devem ter como referência a pessoa do redator, para ser considerado íntimo;
- (iv) o diário, caso íntimo, não é destinado ao público;
- (v) o texto não é destinado à impressão;
- (vi) mesmo que o autor trate de eventos externos ou que envolvam outra pessoa, tais circunstâncias devem ter algum tipo de ressonância sobre o autor.

Quanto ao primeiro quesito, nota-se que Juca não tem preocupação com a ordenação dos fatos, muito embora tenha a preocupação de datar a maioria deles. Mas é justamente nas anotações de trabalho que se nota o acesso diário (ou quase diário) ao material. Existe a possibilidade de que esse mesmo material tenha sido passado a limpo, em razão da falta de rasuras ou erros graves de concordância; isso e mais um certo cuidado na redação dos cadernos.

No que diz respeito à segunda característica do diário íntimo, nota-se que Juca faz o papel de centro de convergência, mas de forma indireta, por reflexo: ele está presente nas celebrações e fatos descritos, pode ser considerado como a referência do eu-lírico de muitas das poesias e a agenda de trabalho se refere, evidentemente, às suas obrigações como oficial de justiça. Da mesma forma, as observações, talvez à exceção de alguns poemas, não têm relação direta com a pessoa de Juca.

O quarto e o quinto itens são facilmente verificáveis. Os “diários” de Juca permaneceram guardados durante a vida do autor e, após sua morte, passaram à guarda do Museu Oswaldo Cruz e do Arquivo do Estado de São Paulo. Não havia, em nenhum momento, a intenção de levá-los a público, de forma massiva e sistemática, como se faz por meio da publicação, impressa ou virtual.

Por fim, quanto ao último item, nota-se que os eventos externos mencionados, como as atribuições do cargo de oficial de justiça e os fatos descritos nos trechos de texto corrido, têm evidente ressonância sobre o autor, mas implicam também impacto sobre a vida de outras pessoas (tanto aquelas que fazem parte dos processos judiciais que fazem parte da rotina de Juca como aquelas que são mencionadas nas descrições de fatos de São Luiz do Paraitinga).

Fica claro, a partir dessa análise, que se trata de um diário íntimo, pois presentes muitas das suas características (em especial a privacidade), mas um diário íntimo *diferenciado*, tendo em vista o que ficou apurado na análise do último item: em muitos pontos, as ações reverberam para além da pessoa de Juca Teles.

Cada uma das formas pelas quais o texto se desdobra acaba por funcionar como uma “fotografia” que, unida às demais, forma um panorama maior e mais complexo.

Portanto, a nosso ver, acreditamos estar diante de escritos que formam um exemplo do gênero textual diário, mas *o diário da comunidade de São Luiz do Paraitinga*: o relato de momentos em que essa comunidade expôs suas questões legais, seus momentos festivos e as características de uma parcela de sua população, de uma maneira muito particular.

Conclusão

Finalizamos nosso trabalho sem a pretensão de definir peremptoriamente o material que apresentamos como o “diário” de Juca Teles, como já dito anteriormente. Mas desde já não nos parece possível descartar a inclusão do material no gênero diário íntimo, pessoal, apenas em razão de suas características intrínsecas.

A impressão que temos é de que esse diário deverá ser analisado do ponto de vista da coletividade: um diário tão abrangente que pode servir à caracterização de todo um espaço e um tempo próprios, que não se restringem à pessoa do autor. E isso não pode ser visto como estranho ou fora de propósito por alguém que vive no século XXI, no qual a vida particular se embrenha ao público de forma simples e rápida.

Juca Teles, ao que parece, escreve seus diários em tom de recordação e de organização pessoal. Mas, ao mesmo tempo, suas memórias acabam por refletir como o autor se insere em meio aos grupos de que participa e trazem o registro do momento histórico. Essa singularidade deve ser melhor explorada a partir do ponto de vista do morador de uma cidade muitíssimo orgulhosa de suas tradições e que se esforça por preservá-las, em meio a catástrofes naturais e à inexorável passagem do tempo.

Essa particularidade de São Luiz do Paraitinga pode fazer com que o cidadão, por demais envolvido na memória da cidade, acabe por trazer essa necessidade de preservação da história para o seu íntimo, uma realidade sociológica que deve ser também melhor investigada, de forma a referendar a existência do primeiro *diário coletivo* de que se tem notícia.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Código de Processo Civil*. Lei 13.105, de 16.3.2015. Disponível em: <www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Ato2015-2018/2015/Lei/L13105.htm>. Acesso em: 15 set. 2015.

CURSINO DOS SANTOS, J. R. C. *A Festa do Divino de São Luiz do Paraitinga: o desafio da cultura popular na contemporaneidade*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GIRARD, A. *Le journal intime*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963.

MAINGUENEAU, D. *Discurso literário*. Tradução de A. Sobral. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SILVA, D. L.; VIEIRA, M. A. F. A. *São Luiz do Paraitinga, sem rabo e sem chifre: a evolução do carnaval das marchinhas na terra de Juca Teles do Sertão das Cotias*. São Paulo: Edição do Autor, 2012.